

Património com destino incerto



Fotos: Associação Portuguesa de Arte Outsider

Condomínio de luxo ou polo cultural? É entre estas duas propostas que se divide o futuro das instalações do antigo Hospital Miguel Bombarda, que encerrou portas há quase três anos. Com uma proposta em análise na Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), desde março de 2013, para que a maioria dos edifícios obtenha a classificação de Conjunto de Interesse Público, este testemunho histórico e arquitetónico, que marcou a evolução da Psiquiatria e da Neurologia em Portugal, continua à espera de uma decisão no cimo da Colina de Santana, em Lisboa.

Vanessa Pais

O Hospital Miguel Bombarda foi fundado em 1848, com a designação, até 1911, de Hospital de Alienados em Rilhafoles. Na altura, tinha 300 camas e era o terceiro maior hospital a ser fundado no País, o primeiro especializado para doentes do foro psiquiátrico e neurológico, numa época em que tal distinção não existia. Mas a sua história começa muito antes. O edifício principal foi convento na Quinta de Rilhafoles, entre 1720 e 1740, e casa-mãe da Congregação da Missão, uma das raras construções religiosas que não foi afetada pelo terramoto de 1755.

Se ficássemos por aqui, provavelmente, já teríamos elementos suficientes para justificar a importância histórica e arquitetónica destas instalações que, desativadas há três anos, continuam à espera de melhores dias. Fomos falar com Vítor Freire, historiador, fundador e ex-diretor do Museu Miguel

Bombarda, que nos ajudou a perceber os «segredos» encerrados neste local. «O museu tem sido pouco divulgado, estando aberto ao público apenas às quartas-feiras, das 11h30 às 13h00, e aos sábados, das 14h00 às 18h00. No entanto, desde que abriu portas, em 2004, já foi visitado por cerca de 25 000 pessoas, na sua maioria estrangeiras», explicou.

Em março de 2011, a colaboração de Vítor Freire foi dispensada pela Estamo, a empresa imobiliária à qual o Governo entregou a propriedade deste e de outros hospitais desativados da capital. No entanto, o historiador continua a ter uma ligação afetiva muito forte a este património. «Além de ser um testemunho único da história da Psiquiatria, da Neurologia e da assistência a doentes [ver caixa na página ao lado], o Hospital Miguel Bombarda integra um extraordinário conjunto de edifícios, organicamente complementares, a maioria construída de raiz.

São edifícios de múltiplo e excecional valor arquitetónico, alguns únicos no mundo, outros inovadores para a época, segundo filosofias assistenciais específicas e avançadas», defende Vítor Freire.

Porquê a classificação de Conjunto de Interesse Público?

O Balneário D. Maria II, de 1853, e o Pavilhão de Segurança, de 1896, estão classificados, desde 2010, como Conjunto de Interesse Público. «O primeiro, destinado a banhos terapêuticos para doentes externos e internados (de onda, duche lateral, semicúpios, sauna, de calor, etc.), é considerado o melhor da Europa do seu tempo», indica Vítor Freire.

Já o Pavilhão de Segurança, «destinado a doentes transferidos da penitenciária ou agitados, da autoria do arquiteto José Maria Nepomuceno, é um belíssimo edifício vanguardista, que antecede em mais



Gabinete onde o Prof. Miguel Bombarda foi assassinado, a 3 de outubro de 1910, na véspera de eclodir a Revolução Republicana



O Balneário D. Maria II, inaugurado por esta rainha em 1853, é o primeiro edifício construído de raiz em Portugal para o tratamento de doentes com perturbação mental

de 30 anos o *design* e a arquitetura modernista dos anos de 1920-1930. Tem generalizados arredondamentos de arestas em bancos e portas, para evitar contusões, além de ser um dos sete edifícios panópticos existentes no mundo, e o único com pátio a descoberto, para os doentes se manterem fora dos quartos durante o dia», descreve o historiador.

No entanto, na opinião de Vítor Freire, outros edifícios que integram o Hospital Miguel Bombarda deveriam ser alvo da classificação de Interesse Público. Assim, em março de 2013, foi apresentada essa proposta para a maioria dos restantes imóveis, por parte da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental, Sociedade Portuguesa de Neurologia, Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia, Associação Portuguesa de Arte Outsider, Congregação da Missão, Prof.ª Raquel Henriques da Silva e Prof. Vítor Serrão, historiadores de arte. Posteriormente, esta proposta foi também subscrita por Sarah Lombardi, diretora do Museu de Art Brut de Lausanne, na Suíça, e por Thomas Roeske, presidente da European Outsider Art Association.



O Pavilhão de Segurança, construído em 1896, é um dos sete edifícios panópticos existentes no mundo



Retrato a óleo do Prof. Miguel Bombarda, de 1911, da autoria do artista Veloso Salgado

Referência na história da Psiquiatria e da Neurologia

«O Hospital Miguel Bombarda é um testemunho único de 163 anos de história da Psiquiatria e da Neurologia em Portugal, refletindo todas as suas fases evolutivas, em termos de tendências e de inovações médico-científicas, culturais e sociais, sendo pioneiro em muitas delas», defende Vítor Freire, historiador e ex-diretor do Museu do Hospital Miguel Bombarda.

Na fundação deste Hospital intervieram Bernardino António Gomes e Caetano Beirão e foram seus diretores a maioria das grandes figuras neste domínio, como Miguel Bombarda, Júlio de Matos, Sobral Cid, António Flores e Eduardo Cortesão. Também exerceram aqui grandes vultos da Psiquiatria e da Neurologia nacionais, como Barahona Fernandes e João Alfredo Lobo Antunes.

Como lembra o Prof. Vítor Oliveira, num artigo publicado no jornal *Público*, em dezembro de 2013, «praticou-se desde cedo no Hospital Miguel Bombarda um regime de abertura ao exterior, o que permitia saídas temporárias ou diárias de doentes e também visitas de

familiares, dada a facilidade de acesso, pois o hospital situava-se no centro da cidade, em tolerante e terapêutico contraste com muitas instalações estrangeiras da época, que se fundaram fora dos aglomerados populacionais, em lugares isolados». Por outro lado, «a vasta quinta envolvente facilitou a adoção de outra inovação – a terapêutica ocupacional».

No Hospital Miguel Bombarda, acrescenta Vítor Oliveira, «iniciaram-se em Portugal as investigações microscópicas do sistema nervoso (neuropatologia) com Marck Athias, Celestino da Costa e Lobo Antunes». Foi também aqui que se selecionaram os primeiros doentes para a técnica da leucotomia idealizada por Egas Moniz. Além disso, «numa altura em que a Psiquiatria e a Neurologia pertenciam a uma única especialidade, foi neste Hospital que se oficializou a criação da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, em 1949, cujo primeiro presidente foi o Prof. António Flores, na altura diretor do Miguel Bombarda».

Esta proposta abrange o edifício principal, os edifícios das enfermarias em poste telefónico e em U, o telheiro para o passeio dos doentes, a cozinha, o laboratório, a oficina para doentes, os painéis de azulejos criados por doentes e o poço e o tanque da Quinta de Rilhafoles, anteriores ao convento. A título de exemplo, «o edifício das enfermarias em poste telefónico (1885-1894) foi o primeiro do mundo na tipologia racionalista (três blocos paralelos atravessados ao centro por outro bloco para circulação de pessoas e materiais)», conta Vítor Freire. Além disso, segue a conceção do hospital psiquiátrico ideal – só com um piso, para evitar suicídios, e rodeado de jardins para passeios –, segundo o psiquiatra francês Jean-Étienne Dominique Esquirol (1772-1894).

Testemunhos da História e da Arte

A riqueza do Hospital Miguel Bombarda não é apenas arquitetónica. «Trata-se de um conjunto de valências patrimoniais neste tipo de instituições *sui generis* internacionalmente e que é imperioso salvaguardar, exibir e desenvolver», sublinha Vítor Freire. Só o arquivo compreende os registos em livro e os processos clínicos de todos os doentes desde 1848, os processos forenses e administrativos de doentes (contendo ofícios de polícia, cartas de médicos e de familiares, descrevendo sintomas, crimes ou comportamentos considerados antissociais), além dos arquivos da direção, dos recursos humanos, entre outros.

Além disso, segundo Vítor Freire, existe «um manancial para investigação médica, histórica, sociológica e antropológica, com um acervo de 5 000 fotografias (das quais 1 100 de doentes) do final do século XIX até aos anos de 1930. Também se encontra um acervo de arte *outsider* de doentes desde o princípio do século XX, que é raro a nível internacional, bem como material clínico e mobiliário. Por exemplo, no edifício principal, situa-se «o maior testemunho material da Revo-



Aspeto de uma ampla enfermaria



Magneto do final do século XIX

lução Republicana»: o gabinete onde foi assassinado Miguel Bombarda, a 3 de outubro de 1910, alvejado por um doente monárquico, onde ainda é possível ver o rasgão provocado pelas balas no retrato a óleo do Duque de Saldanha.

Propostas para o futuro

Nos últimos dois meses, o *Correio SPN* contactou várias vezes a Estamo, empresa responsável pela gestão do património do Hospital Miguel Bombarda, para pedir mais explicações sobre o projeto de urbanização concebido pelo arquiteto Belém Lima, que esta imobiliária quer levar adiante. No entanto, não obtivemos qualquer resposta.

Neste momento, analisa-se o possível impacto negativo que este projeto de urbanização pode vir a ter na segurança da Encosta de Santana, caso a Câmara Municipal de Lisboa não realize obras prévias de contenção dos terrenos. «Fissuras verticais em edifícios recentemente recuperados, deformações nas paredes e portas exteriores ou pavimentos inclinados no interior são algumas das consequências desse movimento», de acordo com declarações da arquiteta da autarquia, Margarida Saavedra, ao jornal *i*, no dia 5 de fevereiro passado.

A Estamo é atualmente proprietária, além do Hospital Miguel Bombarda, dos Hospitais de São José, Desterro, Santo António dos Capuchos e Santa Marta, pretendendo nestes espaços construir 600 fogos, entre hotéis, habitações, comércio e parques de estacionamento. Concretamente para o Hospital Miguel Bombarda, o arquiteto Belém Lima projetou uma urbanização que prevê a construção de seis torres, mantendo 60% da área verde e colocando o trânsito a circular por túneis. A previsão é que possam ali viver cerca de 600 pessoas, em 193 fogos, com 21 800 m² de estacionamento subterrâneo, 3 500 m² para comércio e 2 500 m² para serviços.

Por oposição, a proposta das entidades subscritoras da candidatura dos edifícios do Hospital Miguel Bombarda a Conjunto de Interesse Público é a criação de um polo cultural. «Trata-se de um projeto de prestígio para o País, que pretende manter nas instalações a arte dos doentes, a arte *outsider*, a história da Psiquiatria e da Neurologia, um museu alargado e um centro de investigação (integrando os arquivos)», adianta Vítor Freire.

Sobre os pormenores desta proposta, o historiador acrescenta: «Pretendemos que seja um polo multifacetado de turismo cultural, verdadeiro revitalizador da zona, ao invés de habitações para abastados que não irão aí residir, contribuindo apenas para a desertificação da zona. Este polo será autossustentável financeiramente, com a realização constante de exposições com temáticas histórico-científicas, artes plásticas e de intercâmbio internacional, combatendo o estigma e desmistificando a doença psiquiátrica, com visitas aos excecionais edifícios e locais de interesse, ateliês, galeria para venda de obras, auditório, conferências e colóquios.»

Na perspetiva de Vitor Oliveira, presidente da Sociedade Portuguesa de Neurologia, esta solução «abrirá largas possibilidades para a divulgação internacional das Neurociências e da Medicina portuguesa e construirá uma destacada mais-valia para a imagem de Portugal no mundo científico e cultural». Sobre o futuro do Hospital Miguel Bombarda, este responsável conclui: «Para o bem ou para o mal, o ónus ficará para quem decidir o destino a dar a este riquíssimo património.»



No Museu do Hospital Miguel Bombarda é possível conhecer o vasto acervo de arte *outsider* da autoria de doentes, desde o início do século XX